

PESQUISA DE INTERVENÇÃO DO TIPO PARTICIPANTE COMO MEIO DE TRANSFORMAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA DE AÇÃO CONJUNTA “ESCOLA & COMUNIDADE”

Antonio Donizetti Sgarbi – IFES, sgarbi.ad@gmail.com

Izabella Costa Santiago – PMV, santiagoizabella@gmail.com

Leonardo Bis dos Santos – IFES, leonardo.bis@ifes.edu.br

RESUMO

O artigo se propõe a esclarecer o que se entende por investigação qualitativa de intervenção do tipo participante, retoma algumas das reflexões feitas por teóricos desta prática e traz parte de uma pesquisa realizada nestes moldes: uma possibilidade de ensino a partir da parceria "escola & comunidade". Realiza breve análise da investigação feita a partir de uma ação pedagógica realizada por um pesquisador especialista em parceria com lideranças comunitárias, professores e estudantes do ensino fundamental, todos vistos como pesquisadores. Conclui dizendo que a pesquisa em tela apresenta indícios de uma investigação que: contribui para a transformação da realidade; forma pesquisadores populares e promove uma educação de caráter emancipador.

Palavras-chave: Pesquisa intervenção; Investigações alternativas; Escola & comunidade; pesquisadores populares.

1. INTRODUÇÃO

Este texto é uma discussão sobre a pesquisa qualitativa de intervenção do tipo participante na esteira de pesquisadores como Brandão, 1988; Fals Borda 1984; Freire, 1984; 1987; Freitas, 2010; Streck, Sobottka e Eggert, 2014, ilustrada com elementos de uma pesquisa realizada em um bairro popular de Vitória (ES). Nesta pesquisa do tipo participante buscou-se responder às seguintes questões: uma pesquisa de intervenção do tipo participante contribui para transformação de uma realidade onde se encontram pessoas excluídas? Pode formar pesquisadores populares e promover uma educação de caráter emancipador?

A partir de uma ação pedagógica, que envolveu escola e comunidade, realizou-se uma pesquisa do tipo participante com o objetivo de promover a identidade cultural dos moradores de um bairro popular.

Participaram da ação pedagógica estudantes, professores e outros membros da comunidade escolar, além de moradores ou pessoas que tinham uma certa relação com o bairro.

2 PESQUISA DE INTERVENÇÃO DO TIPO PARTICIPANTE

Na pesquisa quando relacionamos o objeto do saber ao mundo concreto, as situações reais, ao saber socialmente construído estamos trabalhando com as práticas sociais que acontecem entre os seres humanos e desses com o ambiente natural. Na visão de Paulo Freire a pesquisa

[...] é uma forma de diálogo, é o diálogo entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa, diálogo com intencionalidades políticas, mediatizado pelo mundo e motivado pelo fenômeno de pesquisa e a práxis – a prática social refletida, a materialidade do mundo e a objetividade da vida – é o critério de verdade de toda a pesquisa. A práxis dos sujeitos é o critério de verdade do seu agir, porque não é no discurso que se infere o agir do sujeito, não é no discurso que ele se constitui, não está no discurso a chave de sua ontologia, mas sim no fazer humano, na práxis social, no trabalho, nas mediações com os outros homens e com a natureza (CRUZ; BIGLIARDI; MINASI, 2014, p. 48).

Neste sentido a pesquisa deve dialogar com a realidade objetiva, com o real e não com o que aparenta ser. Parte do desejo dos moradores de apresentar seu potencial positivo e fazer com que as suas crianças e adolescentes se aproximem e valorizem a história do local, mas sem negar os problemas sociais cotidianamente presentes na comunidade.

Foi com este espírito que foi desenvolvida a pesquisa em tela. Pesquisa qualitativa que utiliza a metodologia de intervenção do tipo participante uma vez que se configura no diálogo “com” e “entre” os atores da pesquisa: estudantes, pedagoga, professoras e moradores do bairro.

Deve-se destacar a importância deste tipo de pesquisa que busca produzir conhecimento e participação tendo como finalidade primeira o envolvimento de todos no processo de pesquisa. Conforme afirma Brandão (2006, p. 11):

Conhecer a sua própria realidade. Participar da produção deste conhecimento e tomar posse dele. Aprender a escrever a *sua* história de classe. Aprender a reescrever a História através da sua história. Ter no *agente* que pesquisa uma espécie de *gente* que serve. Uma gente aliada, armada dos conhecimentos científicos que foram sempre negados ao povo, àqueles para quem a *pesquisa participante* – onde afinal pesquisadores-e-pesquisados são sujeitos de um mesmo trabalho em comum, ainda que com situações e tarefas diferentes – pretende ser um instrumento a mais na conquista popular.

A pesquisa participante visa a produção coletiva de conhecimento por acreditar que o sujeito ao conhecer sua própria realidade e participar da produção de novos conhecimentos irá construir História através de sua história.

3 ESCOLA E COMUNIDADE TRABALHANDO JUNTAS

A inserção do pesquisador, o aproximar-se das pessoas e do vivido na comunidade é o ponto inicial de uma pesquisa de intervenção do tipo participantes. O local da pesquisa em tela foi escolhido porque já existia uma proximidade da comunidade local (bairro) com a comunidade escolar, ou seja, já existia uma proximidade da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) “Edna de Mattos Siqueira Gáudio” e o bairro Jesus de Nazareth, localizado na cidade de Vitória/ES Brasil.

Este encontro, escola - comunidade, aconteceu no momento em que a Escola iniciava sua nova organização, passando do regime serial (uma série em cada ano) para um regime de Ciclos de Aprendizagem, uma forma de trabalho educacional que reúne estudantes de dois ou mais anos em um mesmo ciclo. Nestes ciclos, os estudantes, além de terem algumas aulas, trabalham com projetos. E foi a partir de um destes projetos, que nasceu de uma demanda da comunidade, a pesquisa em tela.

Para esclarecer o contexto da investigação vale lembrar que, a partir de 2014 a escola iniciou um movimento interno de busca por novas formas e fazeres pedagógicos que levassem a novas possibilidades dentro do processo do ensino e da aprendizagem. Era uma proposta para dar vida aos currículos pré-estabelecidos, que promovesse o diálogo entre o conhecimento sistematizado e o mundo imediato do estudante, isto é, o local onde vivem, criam, produzem e sonham. Esta ação apontava para a necessidade de interferir nos processos da organização da sociedade. Tal intervenção não poderia ser algo construído para a comunidade, mas algo construído com a comunidade. Pois,

Não devemos chamar o povo à escola para receber instruções, postulados, receitas, ameaças, repreensões e punições, mas para participar coletivamente da construção de um saber, que vai além do saber de pura experiência feito, que leve em conta as suas necessidades e o torne instrumento de luta, possibilitando-lhe transformar-se em sujeito de sua própria história (FREIRE, 1991, p. 16).

Foi nesta perspectiva que o trabalho foi iniciado. Uma pesquisadora, em seu próprio nome e em nome de seu grupo de pesquisa, fez a estudantes, lideranças locais e professores um convite para participarem de uma pesquisa que tinha como tema “a história local”. Explicou a aos convidados como nasceu este tema gerador e como seria a dinâmica participativa dos trabalhos a serem realizados. Um grupo de nove estudantes, sete do Ciclo 3 (4º e 5º anos) e dois do Ciclo 4 (6º e 7º anos) se interessaram em participar do processo. Integraram também a equipe, de forma mais efetiva, cinco professores, sendo dois da escola local e três representantes das lideranças locais.

Assim foi constituído o grupo de pesquisadores que reunia uma pesquisadora especialista que coordenava o processo e pesquisadores estudantes do ensino fundamental, professores e lideranças locais. A pesquisadora especialista que coordenou o processo buscava sempre planejar as ações de forma participativa.

A periodicidade e os horários dos encontros foram sofrendo alterações conforme a pesquisa caminhava, pois continuamente tinham que se adequar a

disponibilidade e as necessidades dos membros do grupo de pesquisa, Assim, de forma participativa, foi discutido o detalhamento das atividades que o grupo deveria realizar para alcançar os objetivos.

Como resultado das primeiras reuniões foram planejados quatorze encontros que deveriam acontecer no período de 06 de abril a 31 de novembro de 2017.

Na esteira da pesquisa participante a proposta reforçou a compreensão de que a educação deve se pautar na apreensão da realidade dos estudantes (FREIRE, 1996). Neste sentido fez-se a escolha da metodologia da pesquisa e da ação pedagógica aqui relatada.

Vale lembrar que na investigação, a partir de uma intervenção na realidade, os pesquisadores devem ter a consciência de que para além do planejado, o processo de campo poderá levá-los à reformulação de algumas ações com possibilidades de novas revelações (MINAYO, 1992). Isto era sempre lembrado aos pesquisadores em geral.

Assim a pesquisa foi se desenvolvendo utilizando como técnicas a observação participante, a consulta de fontes documentais, como fotos e relatos de moradores, entrevistas semi-estruturadas e fontes bibliográficas.

Antes, porém de ser iniciado o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal do Espírito Santo e somente depois de autorizada que se iniciou o trabalho de pesquisa propriamente. Tal procedimento contribuiu, por exemplo, para que as identidades das pessoas fossem preservadas, quando era o caso, ou que imagens e depoimentos pudessem ser utilizados somente com a autorização das pessoas envolvidas.

4 O TOUR NO MORRO

Neste relato optou-se por detalhar a realização de um dos encontros: O tour no morro. Escolheu-se esta ação, tendo como critério o momento em que

comunidade escolar e comunidade local (do bairro) atuaram inteiramente em conjunto e ao mesmo tempo por ser uma ação onde ficou, no entendimento dos pesquisadores, claro a ação participativa proposta desde o início. Esta ação estava prevista no 8º encontro do planejamento. Foi realizada no dia 05/07/2017, 10h30 às 11h30.

A ação consistiu em uma caminhada pelo bairro fazendo o roteiro proposto pelo líder da comunidade, que se dispôs a fazer parte da equipe desde o início. A proposta foi aceita pois este líder local idealizou e tem realizado o “Tour no Morro” com pessoas que desejam conhecer o bairro. Esta ação tem como objetivo divulgar e apresentar as belezas e a história do bairro para pessoas interessadas em conhecer o bairro Jesus de Nazareth, geralmente pessoas que visitam o bairro. Agora a proposta era fazer o “tour” com pessoas que moravam no bairro.

No entanto no dia marcado outras pessoas, que não eram do bairro, quiseram se unir ao grupo. Uma jornalista de uma TV local com seus auxiliares, uma blogueira e alguns outros visitantes. Um estudante do ensino fundamental foi convidado pela jornalista a tomar os depoimentos dos participantes durante o tour.

5. ANÁLISE DOS DADOS A PARTIR DA DIALÉTICA

A análise da ação pedagógica e de pesquisa, Tour no morro, foi feita pelo conjunto dos pesquisadores. O uso da dialética se deu porque uma pesquisa que realiza uma ação pedagógica a partir dos pressupostos freireanos precisa estar atenta a alguns princípios da dialética inerentes ao método. Estas ideias “são hoje aceitas como ponto de partida por muitos autores que depois de Marx e Engels empreenderam a difícil tarefa de explicitar o que neles estava apenas de forma embrionária” (GADOTTI, 1995, p. 24). Pesquisa intervenção do tipo participante e análise dos dados feitos a partir da dialética são realidades que se complementam bem.

Neste sentido na análise dos dados foram considerados os princípios da dialética a começar pela consciência de que "tudo se relaciona", objeto e fenômeno condicionam-se mutuamente formando uma totalidade.

A avaliação da ação e a análise dos dados aconteceu num outro dia a partir de uma "roda de conversa" para que todos pudessem discutir, avaliar a ação pedagógica realizada. A reunião para discutir a ação realizada começou com a projeção o um vídeo da TV Ambiental "Tour no Morro" que relatou a experiência do trajeto feito pelo do grupo de pesquisadores e visitantes. Logo depois do filme a pesquisadora especialista perguntou:

Pesquisadora: Qual o sentimento de vocês de serem moradores de Jesus de Nazareth?

Augusto: Muito bom ser morador daqui...

Maria Eduarda: algumas pessoas que viram o vídeo e não moram aqui me disseram que queriam morar aqui...

Pesquisadora: O que você achou da nossa 2ª aula de campo?

Arthur: Também foi legal... aprendi várias coisas aqui... conheci várias coisas sobre o Bar do Bigode... o Bigode é filho do primeiro morador do bairro, muito legal... eu não conhecia nada... eu não moro no bairro... e conhecer foi legal... o bairro é muito bonito... eles acordam com uma imagem muito linda do mar...

Luiz Carlos: foi bem legal mesmo... isso aí foi o que mais me alegrou mesmo... eu subi em lugares que nunca tinha ido na minha vida aqui no bairro... achei legal a vista lá de cima... descobri uma paisagem que nunca tinha visto... deve ser massa ver o pôr do sol lá de cima... achei bem bacana... que nem a fábrica de sabão, antes eu achava que era fábrica de café e aí o Fernando falou que era de sabão... e veio muita coisa na minha cabeça... fiquei sabendo muitas coisas novas... eu acho importante todo mundo saber como era antigamente... bem mudou algumas coisas, mas ainda continua sendo as mesmas coisas... o engraçado também é que as pessoas chamam lá em cima de Casa Branca e nem a casa existe mais... ficou uma referência...

Luiz Henrique: a gente ficou sabendo disso tudo... o Fernando disse que a gente pode ser guia também...

Ao ler passagens como esta à luz da dialética percebe-se várias contradições que a própria realidade apresenta. Pessoas que não conhecem o próprio local onde vivem e assim sendo não o valorizam, até mesmo porque a mídia repassa que os bairros populares são violentos e perigosos. Percebe-se uma contradição entre o que falam do bairro e o que as pessoas do bairro dizem, vivem e experienciam no dia a dia. No confronto entre estas questões temos o novo, o orgulho de morar no bairro, o sentimento de pertencimento, o desejo de trabalhar para que os problemas sejam resolvidos e o desejo de falar de seu lugar. Se analisarmos os dados a partir do princípio dialético da totalidade temos que estar conscientes de que não basta uma passagem para vermos o todo, temos que juntar muitos outros elementos e toda a historicidade do que analisamos. Tendo em vista esta questão percebemos que a história dos moradores de Jesus de Nazareth se confunde com a história dos moradores de tantos outros bairros.

5 CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

A pesquisa de intervenção do tipo participante mesmo que estranha aos padrões acadêmicos em geral, tem sido cada vez mais utilizada nos mestrados profissionais, sobretudo quando este tem uma proposta emancipadora do ensino. Estas pesquisas são quase sempre ligadas a projetos de extensão. Jovens pesquisadores estão investindo nesta forma de pesquisar pois entendem que esta proposta é um instrumento de transformação da realidade, das pessoas, dos pesquisadores.

No final da pesquisa em tela constatou-se que os sujeitos que são também pesquisadores ao serem indagados se o projeto havia provocado neles alguma mudança, são unânimes ao responder que sim, principalmente a visão que tinham sobre o bairro. O lugar deixa de ser estigmatizado como lugar de criminalidade e violência. São ressaltadas, depois dessa experiência, questões relacionadas a cultura e a beleza. Assim estes sujeitos demonstram satisfação

por viver onde vivem e convidam outras pessoas do bairro, como as de fora, a conhecer o próprio bairro onde moram.

A pesquisa de intervenção do tipo participante torna-se formativa, provoca uma educação problematizadora e não a bancária. Aqui as intervenções têm uma perspectiva de Educação Popular. Tal educação tem suas bases alicerçadas principalmente no que diz respeito a relacionar a realidade do estudante ao conhecimento escolar, provocando um diálogo entre o saber escolar e o saber popular. Aqui nasce a Educação Popular com uma intenção política transformadora de contribuir para a construção de uma sociedade justa e democrática.

A escola ao fazer o movimento de experienciar práticas de valorização da história e da cultura local, demonstra que além das questões sociais existentes, desencadeadas pelas mazelas contemporâneas¹, existem também no Bairro Jesus de Nazareth, como em outros bairros da periferia das grandes cidades, vivências positivas. E estas quando reconhecidas e incluídas nas atividades escolares podem, a médio e longo prazo, contribuir para a transformação, ressignificação e apropriação da cultura local. Pose-se dizer que a ação pedagógica contribuiu para fortalecer o sentimento de pertencimento dos estudantes e de seus familiares.

Assim a pesquisa qualitativa de intervenção do tipo participante que aqui foi relatada em parte, apresenta indícios de que a mesma contribui com a transformação da realidade e pode ser um instrumento para formar pesquisadores populares. Enfim, concluímos que a intervenção participante é um meio de se promover uma educação e uma forma de pesquisa que são emancipadoras.

¹ Existem relatos de abuso sexual, da presença do tráfico, de violência física e verbal, descuidado, abandono afetivo e intelectual, além de outras situações que dificultam a vida das crianças e adolescentes.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, C. R. **A pesquisa participante e a participação da pesquisa**, 2015. Disponível em: <http://docslide.com.br/download/link/a-pesquisa-participante-e-a-participacao-da-pesquisa> Acesso em 12 de fev. de 2017

BRANDÃO, C. R. **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CRUZ, R. G.; Bigliardi, R. V.; Minasi, L. F. A dialética materialista de Paulo Freire como método de pesquisa em educação. **Conjectura**, Caxias do Sul, v. 19, nº 2, p. 40-54, maio/ago. 2044. Acesso em 20 de ago. de 2017.

FALS BORDA, O. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. In Brandão, C. R. **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 42-62.

FREIRE, P. Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In Brandão, C. R. **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense;1984, p. 34-41.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.

FREITAS, M. T. A. A Pesquisa e Abordagem Histórico- Cultural: um espaço educativo de constituição de sujeitos. **Teias**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, 2009.

FREITAS, M. T. A. Discutindo sentidos da palavra intervenção na pesquisa de abordagem histórico-cultural. In: FREITAS. RAMOS. B. S. **Fazer pesquisa na abordagem histórico-cultural: metodologias em construção**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2010.

GADOTTI, M. **Concepção dialética da educação: um estudo introdutório**. 9 ed. São Paulo: Cortez, 1995.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 14 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

STRECK, D. R.; SOBOTTKA, E.A.; EGGERT, E.(Org.). **Conhecer e transformar**. Pesquisa-ação e pesquisa participante em diálogo internacional. Curitiba: CRV, 2014.